



EDITORIAL / EDITORIAL

ORAÇÃO, MÍSTICA E TEOLOGIA

Prayer, Mysticism and Theology

Uma aproximação geral ao tema “oração, mística e teologia” pode ser levada a cabo enfocando a relação existente entre esses termos e, sobretudo, apontando para um horizonte último – que pode ser chamado de “teológico” –, ao qual esses termos estão referidos e do qual recebem sentido.

Na abundante literatura religiosa acessível ao público em geral encontram-se com frequência expressões do tipo: oração mística, mística da oração, teologia da oração, teologia orante, mística teológica, mística da teologia, teologia da mística, etc. Os termos passam de substantivos a genitivos e destes a adjetivos, e vice-versa, numa relação ora englobante, ora restritiva, ora apenas qualificante. Contudo, essa relação imbricante dos termos não se compreende em profundidade pelo simples remeter-se de um termo a outro. É preciso, como se disse acima, buscar aquele horizonte ou unidade referencial subjacente a esses termos; unidade esta que os engloba, perpassa e ultrapassa e que nos permite, assim, melhor compreendê-los na sua relação e na sua particularidade.

Essa unidade referencial que buscamos deverá aparecer como o Tu divino a quem a oração se dirige; como o Mistério ao qual a mística se refere; como Deus, ao qual o termo teologia alude. E na medida em que o Tu, o Mistério e Deus são tomados como unidade, e essa unidade (unum) é contemplada como divina, pode-se, então, designá-la com o vocábulo “Deus”, sem que se caia de imediato nos particularismos das orações, das místicas e das teologias das tão distintas religiões, correntes e práticas religiosas existentes, por um lado, e sem que se deixe de lançar algumas luzes sobre o tema a partir da compreensão própria do cristianismo.

A palavra “oração” designa comumente a elevação piedosa, fiel, do espírito (ou do coração) a Deus; ou ainda, mais geral e simplesmente, o dirigir-se do ser humano a Deus. O pressuposto da oração é, portanto, o estar em relação pessoal com Deus. A oração não tem a finalidade primeira de informar algo sobre Deus,

mas se apresenta como um meio ou forma do falar com Deus. Na oração, o Eu humano se dirige ao Tu divino. Caso assim não o fosse, a oração não passaria de um monólogo do orante consigo mesmo. A Deus como um Tu para mim, eu me dirijo, me coloco na sua presença, falo, suplico, peço, agradeço, louvo. Deste modo, a linguagem da oração adquire originalmente a forma da primeira e da segunda pessoa do singular.

A tão conhecida, e também por vezes criticada, “oração de petição” é apenas uma faceta da oração, na qual se expressa um pedido a Deus. Analisada fora da relação pessoal-existencial do orante para com Deus, a oração de petição se empobrece. Ela fica reduzida a pedidos de favores particulares a Deus e, assim, dá margem a se pensar num intervencionismo divino no mundo motivado por interesses pessoais egoístas e, por isso, exclusivistas. A oração de petição de um fiel consciente não ignora a vontade de Deus, mas, pelo contrário, inclui o “seja feita a tua vontade” na própria petição. Acrescente-se a isso que a oração é, antes de tudo, graça de Deus. De Deus vem a iniciativa de autocomunicar-se ao homem na sua existência e na sua história estabelecendo, assim, um diálogo pessoal-existencial em cujo centro está a vida.

Na raiz da oração cristã está o Espírito Santo. Toda oração se origina no Espírito. As mais belas orações do Novo Testamento são pronunciadas por aqueles que estão plenos do Espírito Santo (um exemplo com o próprio Jesus encontramos em Lc 10,21). É o Espírito que nos faz gritar: “Abba, Pai!”, confessa o Apóstolo Paulo em Rm 8,15, qualificando, assim, a relação que se estabelece com Tu divino não como uma relação qualquer, mas como uma relação filial. Ainda do texto de Rm 8,26 apresenta-se como fundamental para ilustrar a ação do Espírito Santo. Aqui escreve Paulo: “O Espírito vem em auxílio de nossa fraqueza. Pois nós não sabemos pedir como convém”. A oração de petição encontrará seu legítimo lugar quando o orante, movido pelo Espírito Santo, se dirige (como Jesus) ao Pai na confiança própria de um filho. A relação filial é uma relação de amor. Ela não se desfaz pelo fato do pai atender ou não a um pedido de um de seus filhos.

Santo Inácio de Loyola, um dos grandes místicos da fé cristã, concluía sua oração com as palavras: “dai-me somente o vosso amor e vossa graça; isto me basta, nada mais quero pedir”. Tal petição leva-nos a perceber que realmente nada há de mais sublime e elevado que o próprio estar na relação com Deus, com o Pai. Pedir o amor é pedir para estar junto de Deus, é pedir que a união, a relação espiritual mais profunda com Deus seja uma constante na (minha) vida. “Dai-me o vosso amor” não pode significar outra coisa que pedir o Espírito Santo, ou ainda, pedir por Deus mesmo. “Deus é amor”, lê-se em 1Jo 4,8.16. Pedir por Deus mesmo é ainda pedir a graça, ou seja, pedir que a autocomunicação de Deus se faça sentir no mais profundo da (minha) existência e, assim, me mantenha orientado para Ele na fé, na esperança e na caridade.

O termo “mística”, por sua vez, encontra seu sentido radical quando Deus, o Tu divino, a quem se eleva o espírito (na oração), é percebido, acolhido e reverenciado

na sua indisponibilidade, no seu mistério. A palavra “mística” compreende-se justamente a partir da palavra “mistério”. A raiz do verbo *myeein* (introduzir, começar ou iniciar) é *myein*: integrar-se a, ir junto com, calar. Tal verbo é empregado comumente para referir-se aos lábios e aos olhos, no sentido de uma ação de silenciar, recusar à curiosidade, deixar-se envolver. O místico, portanto, não fecha a boca e os olhos porque nada fala e nada vê, mas sim porque compenetrado, mergulha no “oceano do mistério”, “vê o invisível” (cf. Hb 11,27).

As chamadas “experiências místicas” constituem um fenômeno que pode ser encontrado em praticamente todas as religiões. O espaço do sagrado, do santo, do divino, do mistério é característico da religião. Cada tradição mística tem o seu próprio modelo de mística com distintos níveis, que vão desde a iniciação até os estágios mais elevados, designados comumente pelo termo “iluminação”. “Iluminado” é dito daquela pessoa que alcança, a partir de dentro da realidade na qual ela está inserida, uma compreensão do todo da realidade, do uno. Nos contextos teístas, a experiência mística está imediatamente associada a Deus no seu mistério, como origem sem origem e, por isso também, como fim último e absoluto de toda a realidade. Em outras tradições religiosas como o hinduísmo e o sufismo, o termo “mística” designa basicamente a experiência de estreita união com o todo, o estar unido ao todo divino ou o ser abarcado por ele. Em grandes linhas pode-se dizer que a experiência do mistério é o que as grandes religiões têm em comum.

Contudo, não é necessário conceber “mistério” como obscuridade, como absurdo. O mistério, para dizer com K. Rahner, é o que há de mais evidente. Ele é condição de possibilidade do elevar-se contínua e infinitamente do espírito; é o horizonte atemático que sempre escapa às apreensões, é o “para-onde” da transcendência do espírito coafirmado e pressuposto em cada ato fundamental do nosso ser (inteligência e vontade) como necessidade transcendental. Deste modo, a experiência mística não se produz por uma apreensão espácio-temporal pontual de Deus, mas antes pela abertura radical do espírito humano ao ser em geral, ao Deus pessoal, ao mistério absoluto. A experiência de Deus como experiência do mistério não pode, portanto, ser confundida com a naturalização da experiência de transcendência. É a autocomunicação de Deus que carrega a experiência de transcendência, não ao contrário.

Para os cristãos, a vida mística se desenvolve sob a influência particular e habitual do Espírito Santo. É essa autocomunicação de Deus no mais profundo da existência humana, que chamamos Espírito Santo, também Graça, virtudes teológicas da fé, esperança e caridade, que radicaliza a experiência de transcendência como um poder chegar-se a Deus como tal no seu mistério, na sua indisponibilidade. Assim, o “místico” alude ao não apreensível pelos sentidos e, por conseguinte ao não objetivável pelo discurso objetivo-descritivo, refere-se àquelas realidades expressas comumente por termos como “espiritual”, “divino”, “sagrado”, “transcendental”. “Místicos”, por sua vez, são os iniciados no mistério; e a “iniciação ao mistério” propriamente dita é designada pela palavra “mistagogia”. Em seu

núcleo teológico, a mística é intrínseca e essencialmente momento da fé. O cristão místico é um homem de fé que tem o sentido da aliança, isto é, do homem (a quem gratuitamente a aliança é oferecida) e de Deus, o Pai de Jesus Cristo, que nos ama. Contudo, a experiência mística não é o essencial no cristianismo, nem é necessariamente o dom mais elevado. Importante para o cristão e para o místico não é tanto “buscar” a experiência mística, mas sim a caridade (1 Cor 13), em sua estrutura própria, que é a de ser obediência-comunhão com o Deus de Jesus Cristo e que se expressa como gratuidade do dom de si pelos irmãos e pelo mundo. A caridade é, pois, a única medida pela qual se avalia a perfeição e, assim, a experiência mística deve estar regida por ela. A experiência do mistério ou experiência mística não se confunde com uma situação ou estado de transe ou de êxtase. A tão conhecida frase de Rahner: “O cristão do futuro ou será místico ou não será mais um cristão”, tem um sentido bastante preciso. “Místico” aqui designa aquele que fez e faz a experiência do amor de Deus, do encontrar-se abarcado pelo mistério, fundamental e espiritualmente orientado para o mistério.

O distintivo da mística cristã em relação a outros tipos de mística se encontra basicamente na Encarnação do Mistério; não porque pela encarnação Deus, o Mistério por excelência, tenha deixado de ser mistério, mas porque, sendo a autocomunicação divina total iniciativa de Deus, o movimento primeiro dessa mística é descendente, ou seja, seu ponto de partida está no Mistério mesmo, não no místico. Não somos nós, portanto, que ascendemos ao Mistério apoiados nas nossas próprias forças, na nossa própria prática meditativa, contemplativa, ascética, intelectual ou gnosiológica. A mística cristã é uma mística encarnada, que não ignora o mundo porque não ignora a cruz de Cristo. Ela se volta para Jesus Cristo, para o seguimento de Jesus Cristo, e, por isso, para o mundo. Jesus para o cristão é o modelo de existência humana orientada para o Mistério, para o Pai, para o Reino/Reinado de Deus e, por isso, existência realizada. A mística cristã não constitui nenhuma apologia a um “sair de si” no sentido de uma fuga mundi, de um “viver nas nuvens”. Ela aponta para o humano no mundo como o “lugar” onde o mistério como tal se deixa tocar.

Deste modo, oração e mística no cristianismo se encontram estreitamente conectadas: se oração é o elevar o espírito, elevar o coração a Deus, então ela é “mística” ou não é propriamente oração. Dirigir-se a Deus, ao Tu divino na sua indisponibilidade, é aproximar-se respeitosamente do Mistério e ser convidado a “tirar as sandálias” para entrar em relação com ele. Quem, porém, tira as sandálias tem os pés no chão, no solo, na terra, no mundo e, consciente de sua realidade, adota uma atitude de humildade.

Um místico que quisesse se denominar cristão, mas que não tivesse compromisso com a realidade vivida dos homens e mulheres, com suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (GS 1), que cultivasse, portanto, um tipo de mística desencarnada, porque dissociada da caridade, da justiça, do direito, estaria traindo sua própria vocação de cristão e, ao mesmo tempo, contrariando o significado mais

profundo da experiência mística tal como a compreende a grande tradição cristã. Estaria defendendo e divulgando um tipo de misticismo que dificilmente se distinguiria daqueles outros fenômenos como autossugestão, auto-hipnose, transe, devaneios, experiências “extrassensorias”, psicose, charlatanismo.

Pessoas que cultivam uma relação íntima e pessoal com Deus, com o Tu divino originário do Eu humano, ou seja, pessoas de oração, são pessoas abertas ao mistério, abertas à novidade. Nelas o Mistério inesgotável e indisponível se faz próximo, se faz sentir, se faz luz e, assim, nelas e por elas opera maravilhas. O “faça-se em mim segundo a tua palavra” de Maria (Lc 1,38) encontra seu correspondente na oração do cristão: “seja feita a vossa vontade” (Mt 6,10); e ainda na de Jesus: “... não se faça, porém, o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). Viver em profundidade essa abertura radical a Deus, buscando e discernindo sua vontade, exige do cristão aquela profunda indiferença, da qual falava Santo Inácio nos seus escritos espirituais.

E o que se deve dizer da teologia? Primeiramente é preciso dizer que a teologia deve partir da oração, pois esta se assenta numa relação pessoal-existencial com Deus. Os enunciados teológicos não terminam no objeto, mas em Deus mesmo (como formulou Santo Tomás de Aquino: “actus enim credentis non terminatur ad enuntiabile, sed ad rem” [STh II-II, q. 1, a. 2, ad. 2]). Por isso, é preciso dizer em seguida que a teologia se fundamenta na livre iniciativa da autocomunicação do “Mistério absoluto que chamamos Deus” (para parafrasear Rahner). Sem a autocomunicação do Mistério no mais profundo da existência humana, que chamamos Espírito Santo, não há, cristãmente falando, nem teólogo, nem místico. Por outro lado, sem a autocomunicação do Mistério na história, que chamamos Jesus Cristo, não se encontra o específico nem da teologia cristã, nem da mística cristã.

A oração, a mística e a teologia cristãs precisam ser compreendidas no horizonte trinitário, pois a fé cristã ou é trinitária ou não é cristã. A oração cristã se eleva ao Pai, pelo Filho, na unidade do Espírito Santo. A mística cristã, por sua vez, é incompreensível sem a autocomunicação de Deus (Pai) no Filho e no Espírito Santo. A teologia cristã sempre precisará na sua reflexão articular trinitariamente os conteúdos da fé para continuar sendo cristã. Ela deve, por conseguinte, ser uma teologia orante e mística. Deus permanece a fonte inesgotável que mantém a reflexão teológica sempre viva, atual e aberta. Isso equivale a dizer que se a reflexão teológica não se referir continuamente ao Mistério, e, portanto, não for mística, tenderá a tornar-se fundamentalista, legalista, particularista, desenraizada, desinteressante e fragmentária; o teólogo teria, portanto, se esquecido do elevar-se do espírito para Deus (oração), e perdido, assim, o fascínio pelo mistério (mística), ou seja, teria deixado de ser teólogo.

Podemos certamente falar de uma teologia da oração ou de uma teologia da mística. Contudo, uma mera reflexão sobre a oração, não nos fará necessariamente homens e mulheres de oração; da mesma forma que uma mera reflexão

sobre a mística, não nos tornará necessariamente místicos. A reflexão sobre deve provir da relação com. Assim sendo, conclui-se que Oração, Mística e Teologia, quando referidas à vida cristã e refletidas a partir dela, estarão sempre vinculadas uma à outra, pois elas, em última instância, repousam sobre Deus, sobre o mesmo e único fundamento que as antecede, as engloba e infinitamente as ultrapassa.